

# Memórias de Pindjiguiti

Vinícius Mallick Silva<sup>1</sup>

Era uma tarde, mas não qualquer tardezinha de Bissau. 03 de agosto de 1959, diversos trabalhadores foram massacrados por agentes da PSP<sup>2</sup> e da PIDE<sup>3</sup>. Malditos portugueses! Não me recordo com precisão de todos os fatos, mas não me sai da memória a imagem do corpo dela, esticado no chão. Perdi minha mãe aos 10 anos de idade. Eu era apenas um moleque sonhador, que brincava em meio ao caos, e não sentia medo, porque a tinha como escudo e proteção. Na verdade, ela não deixava que o terror perturbasse minha cabeça.

São tantas lembranças de mamá, daquela voz doce, dos afagos confortantes. Tenho saudades de quando ela me colocava no colo e ninava-me para dormir. Não há como esquecer de seus cuidados e do cheiro único do *bagri fumado*<sup>4</sup> de nossa casa. Aquele aroma incendiava o ambiente. Como eu adoro *bagri fumado ku kandja*<sup>5</sup>! Lembro-me de um dia ter-lhe pedido uma camisa do Brasil, mas era muito cara. Fiquei triste, mas entendi que ou ela me dava a camisa ou faltaria o nosso arroz em casa. Também recordo do rosto triste de Dona Felismina, por não ter comprado a prenda.

A dor me consome todos os dias e as lembranças são vívidas em meu dia a dia. Não tem sequer um momento em que eu não pense nela e naquelas intempéries do 03 de agosto. Estávamos na *tabanka*<sup>6</sup> quando chegou a notícia do ocorrido. Foi uma fatalidade no Porto de Bissau. Trabalhadores, estivadores e marinheiros que

---

1 Nome artístico de Marcos Vinícius da Hora Silva. Graduação em Letras. Graduando em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Especialista em psicopedagogia e Mestrando em Estudos Literários pelas Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Bolsista CAPES. Escritor, autor da obra *Transbordar* (2021).

2 Polícia de Segurança Pública.

3 Polícia Internacional e de Defesa do Estado.

4 Bagre defumado.

5 Iguaria composta por bagre defumado e uma espécie de patê de quiabo.

6 Comunidade do interior/povoação.

---

reivindicavam apenas os seus direitos foram mortos e violentados pelos funcionários coloniais e toda aquela gente engendrada na polícia, os ditos civis.

Chorei até faltarem-me as lágrimas nos olhos. A dor profunda que senti é irreparável. Com o tempo, aprendi a geri-la, mas jamais esquecerei das cenas terríveis do Massacre de Pindjiguiti. Vi o corpo de mamá jogado ao léu, desprezado como a carniça de um animal, a ser corroída pelos urubus. Sofri, sofro e não quero mais sofrer, mas estas memórias da dor são difíceis de apagar. Será que um dia irei esquecer, *mon Dieu*<sup>7</sup>?

Vi muitos corpos abatidos, pessoas feridas, uma agitação do porto e cada vez que via um *tuga*<sup>8</sup>, meu coração enchia-se de ódio, mas eu era apenas uma criança, nada poderia ter feito para vingar a morte de minha mãe. Naquele mesmo dia, meu pai tinha ido à *tabanka* dos meus avós para fazer uma consulta com um *djambakus*<sup>9</sup>. Estava em casa com meus dois irmãos mais velhos. Senti a incapacidade de perto. Era um misto de dor e ódio.

Com o passar dos anos, fui nutrindo cada vez mais a sede de justiça. Queria, de algum modo, vingar a morte de Felismina. Já adulto, entrei para o grupo dos jovens que lutariam para a independência da Guiné-Bissau. Eu sabia dos riscos, poderia morrer na guerra, mas nada me importava, eu queria vingar a morte dela e expulsar aquelas pragas da minha terra.

Minha mãe e seus companheiros de luta foram motivados por vingança, estavam fartos das humilhações e do salário incompatível que lhes era pago. Cresci com as memórias do massacre, via na feição dos sobreviventes a tristeza profunda e o desalento de um país que não favorecia as camadas mais baixas da nossa Guiné. Algo teria que mudar, nem que me custasse a vida.

---

7 Traduzido do francês: Meu Deus.

8 Forma como são chamados os portugueses na Guiné-Bissau.

9 Entidade religiosa. Uma espécie de feiticeiro.



---

Em 72, eu estava metido na guerra, com os dois pés fincados no movimento. Eu tinha sede, iria vingar a morte da minha velha. Sei bem que não a traria de volta, mas honraria sua memória e a de toda aquela gente que foi massacrada em Pindjiguiti. Ao vingar sua morte, estaria vingando também toda a nação, vítima do colonialismo. Eu não queria matar, apenas expurgar os brancos das nossas terras.

No período da luta, uma anciã disse-me:

– Filho, que as forças dos nossos ancestrais esteja contigo.

Ela colocou-me um colar consagrado e disse que o objeto traria proteção.

E como ela tinha razão!